



Carris e Metro recebem hoje a “elite” dos transportes

➔ Lisboa acolhe entre hoje e sexta-feira a reunião mundial do comité de direcção da União Internacional dos Transportes Públicos (UITP), associação que reúne, desde 1885, a grande maioria das redes de transportes públicos urbanos, suburbanos e regionais do mundo, integrando cerca de 3.100 entidades de mais de 90 países, representativos de todos os continentes. A Carris e o Metro de Lisboa pertencem desde há cinco décadas à UITP. Segundo o líder da Carris, as reuniões desta associação constituem “uma sede muito importante para perceber o que se está a fazer e o que vai acontecendo nas várias cidades” ao nível de transportes. A reunião em Lisboa, no Tivoli, ocorre a convite das duas transportadoras portuguesas e contará com a participação da secretária de Estado dos Transportes, Ana Paula Vitorino, e ainda de Vítor Constâncio, governador do Banco de Portugal. “Sempre que há uma reunião do comité de direcção da UITP, são convidadas personalidades para falar de temas de interesse generalizado para o sector”, salientou Silva Rodrigues. Na reunião desta semana a crise financeira, a evolução dos juros e o impacto destes nos transportes estarão em discussão. No final da semana, a UITP deverá “manifestar uma posição comum” sobre as possíveis reacções do sector à crise e ao impacto da “desaceleração do crescimento económico” nos transportes em geral. “São várias as questões que podem ser suscitadas face à evolução possível da crise e dos combustíveis, já que é importante reflectir sobre estes temas com a devida antecedência de forma a conseguir-se a melhor resposta possível” apontou o presidente da Carris em entrevista ao **Negócios**. Contando com 123 anos de actividade, a União Internacional dos Transportes Públicos é a principal associação mundial de operadores, autoridades e fornecedores do sector dos transportes públicos, facultando análises, informação e conhecimentos sobre os transportes colectivos, infra-estruturas, material circulante, organização e gestão de sistemas. O seu comité de direcção reúne-se duas vezes por ano. **FPC**

Carris estuda criação de central de compras de combustível com STCP

[PERFIL]

➔ José M. Silva Rodrigues

Presidente da Carris desde Setembro de 2003

José Manuel Silva Rodrigues, que celebra 58 anos em Janeiro, lidera os destinos da Companhia Carris de Ferro de Lisboa desde 15 de Setembro de 2003, tendo sido reconduzido em Abril de 2006. Licenciado em Economia, é também o representante do Sector Empresarial do Estado no seio do Conselho Económico Social. Quando tomou as rédeas da transportadora rodoviária lisboeta, foi-lhe incumbida a tarefa de reestruturar e modernizar a Carris. Desde 2004, a empresa comprou 448 autocarros para substituir veículos velhos, e, ainda este ano, vai pôr na rua outros 40 – um deles, na foto em cima, já com a distinção das carreiras por cores nos números. Em 2009, serão mais 60 veículos. Em 2007, a Carris fechou as contas com um EBITDA quase positivo, o que, a verificar-se, seria um marco histórico.

Qual o impacto do aumento do preço do gasóleo na Carris?
Entre Janeiro e Setembro deste ano, apesar de termos gasto menos combustível em volume, registámos um acréscimo de custos com o gasóleo de três milhões de euros.

Como responder a essa volatilidade?
Temos procurado, com sucesso, introduzir medidas de eficiência acrescida de forma a reduzir o consumo. Manutenção mais apertada, condução mais económica, gestão adequada dos ares condicionados... Ou seja, fazer tudo o que é possível. E até agora conseguimos reduzir o consumo em 2,5%, o que é muito para quem consome 23 milhões de litros/ano, e onde um centimo a mais no preço custa 230 mil euros por ano à empresa.

A descida do petróleo permite recuperar os três milhões gastos a mais?
O que se gastou não se recupera. O Brent está quase aos níveis de há um ano e espero que se mantenha. Há uma grande instabilidade nos custos, e este é um tempo económico de incerteza elevada, as coisas mudam quase todos os dias.

É possível ter “hedging” na Carris?

Na altura [da alta do petróleo] olhámos para isso, e embora tenhamos renegociado preços com os nossos fornecedores, Petrogal e Repsol, o que nos deu melhores condições, a nossa dimensão não torna fácil avançar para “hedging” já que à escala internacional não somos grandes consumidores.

E criar uma central de compras com outras empresas?
Essa questão tem sido discutida, não apenas em relação a combustíveis, mas também a outros fornecimentos. É algo que continua a ser discutido, mas não é fácil. Cada empresa tem contratos com prazos não coincidentes, não é uma matéria de tratamento fácil.

Será com a Sociedade de Transportes Colectivos do Porto (STCP)?
É uma matéria que já foi conversada com a STCP. Ainda não se concretizou, mas é um assunto que, tenho a certeza, tanto Carris como STCP estão disponíveis para avançar e ver que tipo de margem comercial se pode ganhar.

Como está a correr o “car sharing”?
De acordo com as expectativas. O arranque é sempre lento, o mer-

”

Cada centimo de subida no gasóleo custa-nos 230 mil euros num ano.

Até Setembro, reduzimos o consumo em 2,5% e, mesmo assim, gastámos mais 3 milhões de euros em combustível.

cado demora a reconhecer e precisa de experimentar. Os países do Sul da Europa são muito ligados à posse, logo, a partilha de um carro mexe com mentalidades. Estamos a abordar empresas e, em 2009, o produto já terá expressão.

É preciso mais divulgação?
Podemos produzir o melhor produto do mundo, mas, se não comunicamos que existe, não será utilizado. As empresas de transporte precisam de mudar de paradigma, precisam de se virar para o mercado e o nosso avanço para o “car sharing” foi isso mesmo.

E as cidades têm quer ser orientadas para o transporte público...
A Carris está sujeita às condições de circulação da cidade, que está congestionada. Tem havido um esforço para melhorar, veja o aumento das faixas “bus” e o estacionamento está a melhorar. Ao nível das horas que perdemos em congestionamento há uma evolução positiva e cada ano são menos horas, mas é um processo lento. A nossa velocidade média é de 14,8 quilómetros, e isto é crítico porque influencia o tempo e a regularidade das viagens. **FPC**